



O APAGAMENTO DO NEGRO NA HISTÓRIA NACIONAL ARGENTINA

Fernanda Cristina da Silva Oro Ghiberto¹
Lucan Fernandes Moreno²

Eixo Raça, racialização e racismo: Questão urbana, violência e segregação étnico-racial.

Palavras-chave: Racismo; Diáspora; Afroargentina; Branquitude; Decolonialidade

INTRODUÇÃO

No contexto latino-americano, durante séculos, a única versão possível sobre a história da população negra foi a narrativa propagada pelo homem branco. Afortunadamente, os movimentos negros ganham relativa força no início do novo século, o que aliado aos estudos culturais, decoloniais e feministas acerca da temática, colocam em evidência as condições e a luta dessa população no cenário americano atual.

Enquanto professores de Língua Espanhola, os autores deste manuscrito preocupam-se com os contextos socioculturais latino-americanos, pois estes configuram-se como importantes conteúdos do componente curricular de Espanhol, em uma perspectiva histórico-crítica de ensino, com a qual nos identificamos.

Nesse sentido, os objetivos desse resumo de pesquisa consistem em discutir o apagamento da cultura afro na formação do imaginário nacional argentino, principalmente no que tange à luta na invasão inglesa ao país e evidenciar os mecanismos de perpetuação da hegemonia branca no país. Para tanto, valer-nos-á da revisão bibliográfica e da pesquisa documental qualitativa como metodologia para a construção deste texto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos e discussões decoloniais passam a ganhar espaço nas academias e na comunidade científica – principalmente nas humanas – nas últimas décadas. Nessa esteira, nossa discussão tem como principais fontes bibliográficas os estudos de Maffia e Tamagno (2014), antropólogas que discutem as convergências e divergências da população afro-argentina e indígena em um contexto racista, Bento (2022) socióloga e ativista, que traz a luz o pacto narcísico da branquitude e Eggers-Brass (2006) historiadora que volta seu olhar crítico sobre a história afrodescendente na Argentina.

¹ Mestranda em Estudos da Linguagem - UEPG; IFPR *Campus* Avançado Coronel Vivida; fernandacristina8@hotmail.com

² Mestre; IFPR *Campus* Avançado Coronel Vivida; lucan.moreno@ifpr.edu.br



RESULTADOS

A partir das leituras do referencial teórico e consultas documentais, percebemos que apesar dos argentinos terem abolido a escravidão em 1852, seu histórico racista persiste e, ainda hoje, contorna a identidade nacional do país e continua subjugando esses grupos. Um importante aspecto da história da Argentina que resguarda e nos lembra o modo como o negro e o indígena foram tratados historicamente no país está no fato das lutas pela liberdade da Argentina dos invasores europeus terem sido forjadas com sangue negro e indígena, conforme nos explica Teresa Eggers-Brass (2006), ao relatar a invasão inglesa de 1806, na qual Liniers – administrador colonial - prepara o exército para a resistência.

Porém, além de negar o racismo com que construiu sua história, a população argentina traz consigo a vergonhosa empreita de esconder ou minimizar as atrocidades, violências e assassinatos cometidos contra os povos afro e indígenas que foram utilizados como “bucha de canhão” na luta da independência, conforme nos comunica por Eggers-Brass (2006):

[...] escravos foram recrutados; a doação de escravos à pátria era um sinal de adesão ao governo nacional. O estado confiscou escravos de espanhóis que não apoiaram a revolução, e também comprou escravos de particulares. (EGGERS-BRASS. 2006 p.88-89 – tradução nossa)

Percebe-se, portanto, que a máquina do racismo argentino tem suas origens no período colonial e suas consequências desastrosas marcam a educação, a linguagem, a condição social e financeira, bem como a não participação ativa na sociedade das populações de “bajo origen” (EGGERS-BRASS, 2006, p.67).

Para os brancos argentinos, os impactos positivos dessa organização vão desde ocuparem os maiores cargos em empresas e corporações, serem representados na mídia, possuírem melhores condições financeiras, e a mais grave: serem o exemplo de humanidade e de humanos. Para os afroargentinos, em contrapartida, a herança deixada pelo processo de colonização foi a violenta forma de apagamento histórico e o racismo que persiste. Conforme nos explica Bento (2022, p.23): “Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas”.

Dessa forma, podemos perceber que a Argentina é um país racista. Eliminar a história do negro, apagar qualquer vestígio de sua participação social e inculcar na mentalidade da população a não existência de pessoas negras é um projeto político, cultural e econômico que funcionou por um longo tempo. O que àqueles que interessa manter a hegemonia branca não esperavam é que um movimento convergente abrisse essa cortina e trouxesse à luz a discussão sobre a hegemonia da história branca, inserindo um espelho diante de cada argentino e demonstrando o quão racista essa sociedade é.



REFERÊNCIAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ªed. São Paulo, Companhia das Letras, 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fora-de-campo/brasileiros-acusam-argentinos-racismo-rede-social-apos-titulo-aind-a-tinha-gente-torcendo-para-eles.html> Acesso em: 10 out. 2022.

EGGERS-BRASS, Teresa. **História da argentina: uma mirada crítica (1806-2006)**. 1ªed. Ituzaingó: Maipue, 2006.

MAFFIA, Marta M. y TAMAGNO, Liliane E. **Indígenas, africanos y afrodescendientes en la Argentina: convergencias, divergencias y desafios**. 1ªed. Ciudad Autonima de Buenos Aires: Biblos, 2014.